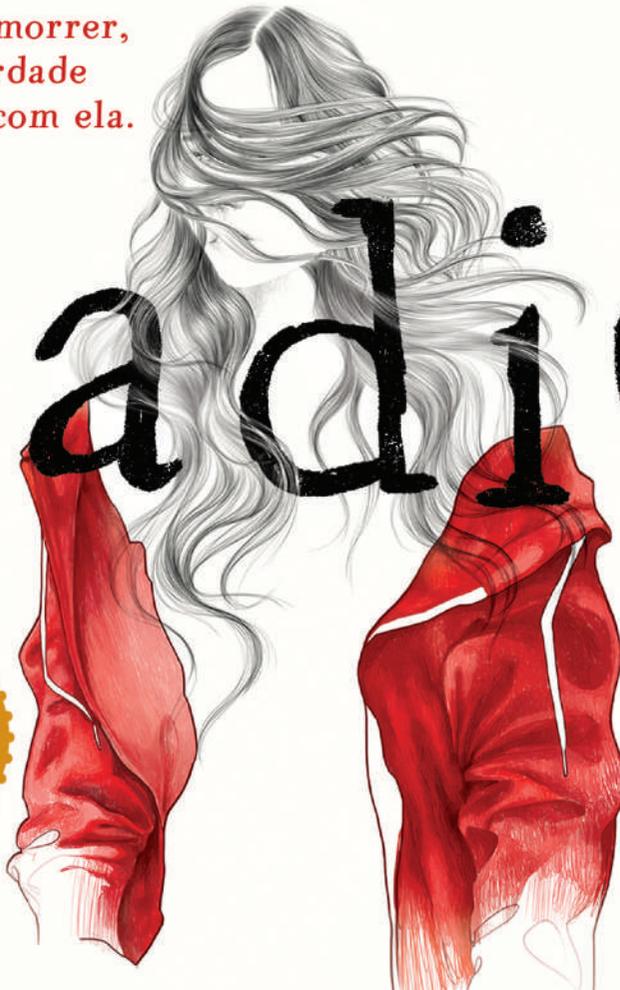


«Inteligente e perturbador.»

The Chicago Tribune

Se ela morrer,
a verdade
morre com ela.



sadie

Vencedor

PRÊMIO
EDGAR

courtney
summers

Autora Bestseller do New York Times

TOP
SEL
LER
#BLISS

*Para as minhas avós, Marion LaVallee e Lucy Summers,
pelo seu amor e apoio constantes.*

DANNY GILCHRIST: Está um excelente dia na cidade. O Sol brilha e não se vê uma única nuvem no céu. Almocei no Central Park, um *shoarma* de frango do Shawarma Stop, altamente recomendado pelos nossos ouvintes depois do episódio da semana passada sobre os segredos mais bem guardados de Nova Iorque. Obrigado, malta. Estava tão boa que sou capaz de lá ir jantar. Aqui da WNRK de Nova Iorque, eu sou o Danny Gilchrist e estão a ouvir Sempre por Aí.

Hoje vamos fazer uma coisa nova, uma coisa importante. Vamos adiar o nosso programa regular Sempre por Aí para lançar o primeiro episódio do nosso novo podcast: As Raparigas. Se quiserem ouvir mais, podem descarregar todos os oito episódios – é isso mesmo, toda a temporada – no nosso website. Temos a certeza de que vão querer ouvir mais.

Criado e apresentado por um dos nossos produtores mais antigos, West McCray, As Raparigas explora aquilo que acontece quando um crime terrível revela um mistério perturbador. É uma história sobre família, sobre irmãs e sobre vidas anónimas numa pequena cidade norte-americana. Vamos descobrir até onde

8 Courtney Summers

estamos dispostos a ir para proteger aqueles que amamos... e o preço elevado que pagamos quando não podemos fazer nada.

E começa, tal como muitas outras histórias, com uma rapariga morta.

AS RAPARIGAS

EPISÓDIO 1

[TEMA DE AS RAPARIGAS]

WEST McCRAY:

Bem-vindos a Cold Creek, no Colorado. População: 800 pessoas.

Se procurarem imagens no *Google*, podem ver a rua principal, o coração quase parado desse pequeno mundo, e descobrir que a grande maioria dos edifícios está vazia ou entaipada. Os mais sortudos – aqueles que têm um bom emprego – trabalham na mercearia local, na bomba de gasolina ou nos poucos estabelecimentos comerciais da rua principal. Os restantes têm de procurar oportunidades uma ou duas cidades mais adiante, para si ou para os filhos; as escolas mais próximas ficam em Parkdale, a 40 minutos de distância. Recebem alunos de três outras cidades.

Para lá da rua principal, Cold Creek é composta por casas velhas e maltratadas que jamais teriam lugar no tabuleiro do *Monopólio*. A partir daí estende-se uma espécie de deserto rural. A estrada é interrompida por vários caminhos de terra que não vão dar a lado nenhum, mas que também podem levar

a aglomerados de casas decrepitas ou a parques de caravanas em condições ainda piores. No verão, uma carrinha com comida percorre toda a cidade distribuindo almoços gratuitos às crianças até as aulas recomeçarem, já que, na escola, elas têm garantidas pelo menos duas refeições por dia.

Há um silêncio surpreendente para alguém que, como eu, viveu toda a vida numa cidade grande. Cold Creek está rodeada por uma bonita e ininterrupta extensão de terra e de céu que parecem infinitos. Aqui, cada pôr do sol é espetacular: tons intensos de dourado, laranja, cor-de-rosa e púrpura, uma beleza natural que não foi estragada pelos ofensivos arranha-céus. A vastidão é quase divina e faz-nos sentir mais humildes. É difícil imaginar que, aqui, uma pessoa se sinta presa.

Mas é o que acontece com a maioria dos habitantes.

RESIDENTE DE COLD CREEK [MULHER]:

As pessoas vivem em Cold Creek porque nasceram aqui, e quem nasceu aqui é provável que nunca mais daqui saia.

WEST McCRAY:

Isso não é bem verdade. Existem algumas histórias de sucesso, de estudantes universitários que encontraram bons empregos em cidades distantes, mas costumam ser a exceção e não a regra. Cold Creek oferece uma qualidade de vida que, para aqueles privilegiados que são educados a aspirar a mais, não é suficiente.

Aqui, as pessoas esforçam-se tanto por cuidar das famílias e subsistir que, se perdessem tempo com os dramas mesquinhos, os escândalos e os ressentimentos que parecem definir as pequenas cidades no imaginário da nossa nação, não sobreviveriam. Isso não quer dizer que não existam dramas, escândalos ou ressentimentos – significa apenas que os habitantes

de Cold Creek nem sempre se podem dar ao luxo de se preocupar com eles.

Até aquilo acontecer.

As ruínas de uma antiga escola abandonada, a menos de cinco quilômetros da cidade, foram consumidas pelo fogo. O telhado desabou e o que restava das paredes ficou queimado. O edifício fica ao lado de um pomar de macieiras, aos poucos ocupado pela natureza circundante: mato recente, novas árvores, flores silvestres.

O lugar tem qualquer coisa de romântico, parece oferecer uma pausa do resto do mundo. É o sítio perfeito para se estar a sós com os nossos pensamentos. Bem, pelo menos, costumava ser.

Foi a May Beth Foster – que irão conhecer melhor à medida que a série avança – que me levou até lá. A meu pedido. É uma mulher caucasiana e rechonchuda, com 68 anos e cabelo grisalho. Tem modos de avó, e uma voz tão convidativa e familiar que aquece o coração. A May Beth é a gerente do parque de caravanas Sparkling River Estates e reside em Cold Creek desde que nasceu. Quando ela fala, as pessoas ouvem e, frequentemente, aceitam como verdadeiro tudo o que diz.

MAY BETH FOSTER:

Foi mais ou menos... aqui.

Foi aqui que encontraram o corpo.

OPERADOR DA CENTRAL DE EMERGÊNCIA [TELEFONE]:

911. Qual é a sua emergência?

WEST McCRAY:

No dia 3 de outubro, o Carl Earl, 47 anos, dirigia-se para o trabalho numa fábrica em Cofield, localizada a uma hora de carro de

Cold Creek. Mal tinha começado a viagem quando avistou fumo negro a manchar o horizonte.

CARL EARL:

O dia começou como todos os outros. Pelo menos, eu acho que sim. Julgo que me levantei, tomei o pequeno-almoço e despedi-me da minha mulher com um beijo, porque é o que faço todas as manhãs. Mas, sinceramente, não me recordo de nada do que fiz antes de ver o fumo nem do que aconteceu depois... enfim.

Quem me dera conseguir esquecer.

CARL EARL [TELEFONE]:

O meu nome é Carl Earl e quero participar um incêndio. Há uma escola abandonada depois da Milner's Road e está a arder. Fica a cerca de cinco quilómetros a leste de Cold Creek. Eu ia a passar de carro e vi o fumo. Encostei para ligar. A coisa está feia.

OPERADOR DA CENTRAL DE EMERGÊNCIA [TELEFONE]:

OK, Carl, vamos enviar alguém.

Existem mais pessoas nas imediações? Alguém que precise de ajuda?

CARL EARL [TELEFONE]:

Sou só eu, tanto quanto consigo ver, mas posso não estar perto o suficiente... Podia, talvez, aproximar-me um pouco mais e verificar...

OPERADOR DA CENTRAL DE EMERGÊNCIA [TELEFONE]:

Carl... Por favor, mantenha-se longe das chamas. Preciso que faça isso por mim, está bem?

CARL EARL [TELEFONE]:

Ah, sim, claro... Eu não ia...

CARL EARL:

Fiz o que me mandaram, embora uma parte de mim desejasse armar-se em herói. Ainda não sei o que me fez ficar ali, porque não me podia dar ao luxo de faltar ao trabalho, mas esperei pela chegada da polícia e dos bombeiros. Vi-os combater as chamas até o fogo estar controlado e foi quando reparei... Um pouco afastado da escola, vi... Eu fui, hum... Eu fui a primeira pessoa a vê-la.

WEST McCRAY:

O corpo da Mattie Southern foi descoberto entre a escola incendiada e o pomar de macieiras, longe de todos os olhares. O seu desaparecimento havia sido comunicado três dias antes, e ali estava ela.

Morta.

Decidi que os pormenores grotescos da descoberta que foi feita no pomar serão ocultados deste programa. Embora o homicídio, o crime, possa ter captado o vosso interesse, a violência e brutalidade do ato não são para vosso entretenimento – por isso, por favor, não façam perguntas. Os detalhes deste caso podem ser encontrados online. Na minha opinião, só precisam de saber duas coisas.

A primeira é que a causa da morte foi um traumatismo craniano provocado por um golpe forte.

A segunda é o seguinte:

MAY BETH FOSTER:

Ela tinha apenas 13 anos.

CARL EARL:

Desde então nunca mais consegui dormir como deve ser.

WEST McCRAY:

A Mattie deixou uma irmã de 19 anos, a Sadie; uma avó substituta, a May Beth; e a mãe, a Claire; mas esta desapareceu de cena há muito tempo.

Ouvi falar pela primeira vez do homicídio da Mattie Southern numa bomba de gasolina à saída de Abernathy, a cerca de 30 minutos de Cold Creek. Estava com a minha equipa nas planícies orientais e tínhamos acabado uma série de entrevistas para um segmento de um episódio de Sempre por Aí sobre pequenas cidades norte-americanas. Sabem, aquelas que estão em franca decadência. Queríamos que os habitantes nos contassem o que esses lugares haviam perdido, não por acharmos que fosse possível recuperar a sua antiga glória, mas simplesmente para que soubessem que existiram. Queríamos dar-lhes voz antes de desaparecerem.

JOE HALLORAN:

É uma boa ideia. Saber que alguém se importa.

WEST McCRAY:

Era o Joe Halloran, um dos residentes de Abernathy que entrevistámos. Não estava a pensar nas palavras dele quando parei atrás de um tipo na bomba de gasolina e o ouvi contar ao funcionário o que tinha sucedido à rapariga. Os factos macabros não me inspiraram a ficar. Eu e a minha equipa já tínhamos o que precisávamos e estávamos prontos para regressar a casa. Era uma coisa terrível, claro, mas vivemos num mundo onde não faltam coisas terríveis. Não podemos parar por causa de todas elas.

Um ano mais tarde, estava eu, como sempre, no meu gabinete em Nova Iorque. Era outubro, um ano exato depois da morte da Mattie. Na verdade, era dia 3... e a minha atenção não parava de oscilar entre o monitor do computador e a janela com vista para

o Empire State Building. Gostava do meu trabalho na WNRK, e gostava da minha vida na cidade, mas talvez uma parte de mim – a mesma que me fizera pôr de lado a história da Mattie sem pensar duas vezes – precisasse de uma mudança radical.

Essa mudança chegou sob a forma de um telefonema.

MAY BETH FOSTER [TELEFONE]:

Estou a falar com o West McCray?

WEST McCRAY [TELEFONE]:

O próprio. Em que posso ajudar?

MAY BETH FOSTER [TELEFONE]:

Fala a May Beth Foster. O Joe Halloran disse-me que o senhor se importava connosco.

WEST McCRAY:

Não havia nenhuma novidade no caso Mattie Southern, nenhum suspeito. A investigação parecia ter chegado a um beco sem saída. Mas não fora esse o motivo do telefonema da May Beth.

MAY BETH FOSTER [TELEFONE]:

Preciso da sua ajuda.

WEST McCRAY:

Três meses antes, em meados de julho, a May Beth havia recebido um telefonema da polícia de Farfield, no Colorado, uma cidade situada a vários quilómetros de Cold Creek. Tinham encontrado um *Chevy* preto de 2007 parado na beira da estrada e, no seu interior, uma mochila verde com os pertences da irmã mais velha da Mattie, a Sadie Hunter, desaparecida desde junho. A Sadie estava em parte incerta e o seu paradeiro permanecia um mistério. Após uma rápida investigação, a polícia local concluía que ela tinha fugido de casa e, tendo esgotado todos os

meios à sua disposição, a May Beth Foster decidiu contactar-me. Eu era a sua última esperança. Ela acreditava que talvez eu conseguisse trazer a Sadie de volta para casa, sã e salva. Porque a Sadie tinha de estar viva, porque...

MAY BETH FOSTER [TELEFONE]:

Não sou capaz de lidar com a morte de mais uma rapariga.

Sadie

Encontro o carro no *Craigslist*.

A marca pouco importa, acho eu, mas, para quem precisar de mais para o imaginar, posso dizer que é quadrado e negro como a noite. O tipo de cor que desaparece no meio das outras. O banco de trás é grande o suficiente para servir de cama. Estava à venda num anúncio escrito à pressa, num mar de outros anúncios igualmente escritos à pressa, mas este estava cheio de erros ortográficos que apontavam para um tipo especial de desespero. *Fassa uma oferta, pu favr* foi a frase vencedora. O pedido significava «Preciso de dinheiro o quanto antes», o que indica alguém num aperto ou com fome ou com qualquer tipo de dependência química. Isso quer dizer que estou em vantagem, por isso, porque não aproveitá-la?

Nem me ocorreu que ir ter com alguém numa estrada à saída de uma cidade para comprar um carro por qualquer quantia que eu estivesse disposta a pagar pudesse não ser a coisa mais segura do mundo, mas isso só foi porque aquilo que vou fazer depois de comprar o carro é ainda mais perigoso.

— Podes morrer — digo, só para ver se o peso das palavras na língua me faz sentir chocada com a realidade da situação.

Não resulta.

Posso morrer.

Pego na mochila de lona verde do chão, coloco-a às costas e passo o polegar pelo lábio inferior. Ontem à noite, a May Beth deu-me mirtilos, comi-os hoje ao pequeno-almoço. Não faço ideia se me tingiram a boca e, seja como for, já tenho dificuldade de sobra em causar boas primeiras impressões.

A porta dupla da caravana está enferrujada e, quando se abre, emite um gemido neste Fim do Mundo que nos rodeia. Para quem precisar de um auxiliar visual, pensem num sítio bem pior do que um subúrbio e depois imaginem que estou num lugar ainda mais pobre, a morar, desde que nasci, numa caravana arrendada à May Beth dos mirtilos. Vivo num lugar que só serve para ser abandonado, não preciso de dizer mais nada, e não me permito olhar para trás. Pouco importa se quero fazê-lo, é melhor não olhar.

Agarro na bicicleta e saio da cidade, parando por breves instantes na ponte verde que atravessa o rio Wicker. Olho para a água e sinto a atração vertiginosa da forte corrente nas minhas entranhas. Revolvo o interior da mochila, desviando roupas, garrafas de água, um pacote de batatas fritas e a carteira até encontrar o telemóvel enrolado numa bola de roupa interior. É um pedaço barato de plástico; nem sequer tem *touchscreen*. Lanço-o para a água e depois volto a montar a minha bicicleta e pedalo até Meddler's Road, à saída da estrada principal, para me encontrar com a mulher que pôs o anúncio no *Craigslist*. Chama-se Becki «com i». Foi ela que o escreveu, «com i», como se eu não tivesse visto em todos os e-mails que me enviou. Ela encontra-se ao lado do carro preto e quadrado, com uma das mãos no capô e a outra na barriga de grávida. Atrás dela está outro carro parado, parece um pouco mais recente. O lugar do condutor é ocupado por um homem que tem o braço pendido para fora da janela aberta; está tenso até me ver e depois toda a tensão desaparece. É ofensivo. Sou perigosa.

«Não devias subestimar as pessoas», tenho vontade de gritar. «Trago uma faca.»

É verdade. Tenho uma navalha de ponta e mola no bolso de trás, deixada pelo Keith, um dos namorados da minha mãe. Há muito tempo. Era, de todos, o que tinha a voz mais bonita — tão suave que chegava a ser fofa —, mas ele não era um homem bom.

— Lera? — pergunta a Becki, porque esse foi o nome que lhe dei. É o meu nome do meio. É mais fácil de dizer do que o primeiro. A voz da Becki surpreende-me. É como um joelho esfolado. Fumadora de longa data, tenho a certeza. Faço que sim com a cabeça, tiro do bolso o envelope com o dinheiro e estendo-o na direção dela. 800 dólares. Ela recusou a minha oferta inicial de 500, mas sei que fiz um bom negócio. Estou mais ou menos a pagar as reparações que eles fizeram na carroçaria. A Becki garante que o carro deve durar mais um ano. — Parecias mais velha no teu e-mail.

Encolho os ombros e estendo o braço mais um pouco. «Aceita o dinheiro, Becki», tenho vontade de dizer, «antes que te pergunte para que o queres». Porque o homem no carro parece impaciente. Conheço aquele olhar. Reconhecê-lo-ia em qualquer lugar, em qualquer pessoa. Conseguiria vê-lo até no escuro.

A Becki esfrega a barriga dilatada e aproxima-se um pouco.

— A tua mãe sabe que estás aqui? — pergunta, e eu volto a encolher os ombros, resposta que parece satisfazê-la até deixar de satisfazer. Franze o sobrolho e olha-me dos pés à cabeça. — Não, claro que não sabe. Ou não estarias aqui, a meio da noite, a comprar um carro sozinha.

Não é uma pergunta que eu possa ignorar ou responder com um aceno de cabeça. Passo a língua pelos lábios e preparo-me para a luta. «Tenho uma faca», quero dizer àquela coisa que gosta de enrolar a mão à volta da minha voz.

— A m-minha m-mãe está m-m-m...

Quanto mais repito o «m-m-m», mais vermelha ela vai ficando e menos sabe para onde olhar. Não para mim, diretamente nos meus olhos. Sinto a garganta apertada, demasiado apertada, parece que sufoco e só consigo libertar-me se parar de tentar

ligar as letras. Por mais que me esforce, diante da Becki, elas nunca irão ligar-se. Só sou fluente quando estou sozinha.

— ...orta.

A gaguez perde o seu domínio.

Respiro.

— Meu Deus — diz a Becki, e eu sei que não tem que ver com a tristeza natural daquilo que acabei de dizer, mas sim com a maneira como me expressei. Ela recua um pouco porque esta merda é contagiosa e, se a apanha, é bem capaz de a passar ao feto. — Devias... Quero dizer, sabes conduzir?

Uma das formas mais subtis que alguém já usou para me perguntar se sou estúpida, mas isso não torna a questão menos irritante, ainda para mais vinda de uma mulher que nem sequer sabe escrever «por favor». Volto a guardar o envelope no bolso, deixando que o gesto fale por mim. A Mattie costumava dizer que a minha pior qualidade era a teimosia e não a gaguez, mas que uma não existiria sem a outra. Mesmo assim. Posso dar-me ao luxo de fazer de conta que a ignorância da Becki é mais do que estou disposta a aguentar pelo carro usado. Envergonhada, ela solta uma risadinha e diz: — O que estou eu para aqui a dizer? Claro que sabes... — E depois num tom menos convincente: — Claro que sabes.

— Sei — replico, porque nem todas as palavras que pronuncio se partem em pedaços. A normalidade vocal faz a Becki relaxar. Ela cessa então de me fazer perder tempo e mostra-me que o carro funciona, ligando o motor. Explica que a mola da bagageira está estragada e brinca, dizendo que me vai deixar ficar a custo zero com o pau que usam para a abrir.

Acompanho o discurso dela com «hums» e «a-hãs» até fecharmos negócio e depois sento-me no capô do meu novo carro e fico a vê-los fazer marcha-atrás e virar à esquerda, para a estrada principal. Rodopio a chave do carro no dedo enquanto o calor da manhã me abraça lentamente. Os mosquitos consideram-me uma invasora do seu território e fazem um festim com a minha pele branca e sardenta. O odor seco e poeirento da estrada

faz-me comichão no nariz, apelando àquela parte de mim que está pronta para se ir embora. Assim, deslizo do capô, escondo a bicicleta num arbusto e vejo-a cair de lado.

A May Beth costuma dar-me mirtilos, mas também coleciona matrículas cujo prazo de validade já expirou, exibindo-as orgulhosamente no barracão atrás da caravana dupla onde mora. Tem de cores diferentes e estados diferentes, até de outros países. A May Beth tem tantas matrículas que não irá dar pela falta de duas. Os autocolantes de registo foram um presente da Sra. Warner, uma velhota que vive três caravanas depois da minha. Está demasiado fraca para conduzir e já não precisa deles.

Sujo as matrículas com lama e limpo as mãos aos calções ao mesmo tempo que contorno o carro e me sento no lugar do condutor. Os assentos são macios e baixos e uma queimadura de cigarro marca o espaço entre as minhas pernas. Giro a chave na ignição e o motor ronca. Piso o acelerador e o carro avança pelo terreno irregular, pelo mesmo caminho que a Becki percorreu, até chegar à estrada principal e seguir na direção oposta.

Humedeço os lábios; o sabor dos mirtilos há muito que desapareceu, mas ainda consigo imaginar a sua doçura enrugada o suficiente para lhe sentir a falta. A May Beth vai ficar tão desapontada quando for bater à minha porta e perceber que me fui embora, mas acho que não será nenhuma surpresa. A última coisa que me disse, o meu rosto emoldurado pelas mãos dela, foi, «O que quer que estejas a pensar, tira já isso da cabeça». Só que não está na minha cabeça, está no meu coração, e também foi ela quem me disse que, se era para seguir alguma coisa, ao menos que fosse o meu coração.

Ainda que seja uma embrulhada.

AS RAPARIGAS

T1E1

WEST McCRAY:

Desaparecem raparigas a toda a hora.

O meu chefe, o Danny Gilchrist, já há algum tempo que andava a sugerir que eu apresentasse um podcast só meu e, quando lhe falei do telefonema da May Beth sobre a Mattie e a Sadie, incentivou-me a investigar a história. Segundo ele, parecia coisa do destino eu estar nas redondezas quando a Mattie morreu. Ainda assim, estas foram as primeiras palavras que saíram da minha boca:

«Desaparecem raparigas a toda a hora.»

Adolescentes irrequietas, adolescentes indisciplinadas. Adolescentes e os seus dramas inevitáveis. A Sadie havia sobrevivido a uma terrível perda e eu facilmente pus a história de lado. Coloquei-a de parte. Queria uma história nova, diferente e empolgante, e o que havia de novo ou empolgante no desaparecimento de uma adolescente? Já todos ouvimos essa história.

O Danny recordou-me logo por que razão eu trabalhava para ele, e não o contrário.

DANNY GILCHRIST [TELEFONE]:

Deves a ti próprio uma investigação mais aprofundada. Não decides já sobre aquilo que não tens antes de saberes mais. És melhor do que isso. Vai até lá, vê o que consegues descobrir.

WEST McCRAY:

Parti para Cold Creek na mesma semana.

MAY BETH FOSTER:

A Sadie ficou destroçada com o homicídio da Mattie. Nunca mais foi a mesma, e eu até a compreendo, mas o facto de a polícia nunca ter encontrado o monstro que a matou, bem... Deve ter sido a última gota.

WEST McCRAY:

Foi isso que a Sadie disse?

MAY BETH FOSTER:

Não, mas também não precisava de o dizer. Bastava olhar para ela para se perceber.

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

Não houve justiça para a Mattie Southern.

É impossível para os habitantes de Cold Creek aceitar que um crime tão hediondo e executado de forma tão caótica ficasse por resolver. A televisão é a referência; afinal, em programas como o CSI, o assassino é apanhado uma hora depois e, frequentemente, com menos pistas do que aquelas que haviam sido recolhidas naquele pomar de macieiras.

O detetive George Alfonso da esquadra de Abernathy, que está à frente da investigação, parece uma estrela de cinema em decadência. É um homem negro com um metro e oitenta e dois, 60 e poucos anos, cabelo curto e grisalho. Expressa

consternação pela falta de pistas, mas, dadas as circunstâncias, não está propriamente surpreendido por serem tão poucas.

DETETIVE ALFONSO:

Inicialmente, não percebemos que estávamos a lidar com um crime. Recebemos um telefonema por causa de um incêndio e, infelizmente, grande parte da cena do crime foi comprometida pelos esforços dos bombeiros para apagar o fogo.

WEST McCRAY:

As amostras de ADN que foram recolhidas mostraram-se inconclusivas e sem correspondência. Até ao momento, não há suspeitos.

DETETIVE ALFONSO:

Preenchemos as lacunas entre o desaparecimento da Mattie e a sua morte o melhor que conseguimos. Mal recebemos a informação de que ela estava desaparecida, emitimos um alerta. Procurámos na região e falámos com várias pessoas de interesse, gente com quem a Mattie tinha estado em contacto horas antes do seu desaparecimento. Foram ilibados. Temos uma única testemunha que afirma ter visto a Mattie entrar numa pick-up na noite em que desapareceu. Foi a última vez que foi vista.

WEST McCRAY:

A testemunha era a Norah Stackett, proprietária da mercearia Stackett, a única mercearia existente em Cold Creek. A Norah é uma mulher caucasiana de 58 anos, ruiva e com três filhos adultos, que trabalham na mercearia.

NORAH STACKETT:

Preparava-me para fechar a mercearia no final do dia quando a vi. Tinha acabado de desligar as luzes e ali estava a Mattie Southern na esquina, a entrar numa pick-up. Estava escuro e

não consegui perceber se era azul ou preta, mas creio que seria preta. Não olhei para a matrícula nem para o condutor, mas nunca tinha visto aquele carro e não voltei a vê-lo entretanto. Mas tenho a certeza de que o reconheceria se voltasse a vê-lo. No dia seguinte, ouvi dizer que a polícia estava em Sparkling River e presumi logo que ela estaria morta. Sabia-o. É estranho, não acha? Que eu simplesmente soubesse? [GARGALHADAS] Até me arrepio.

WEST McCRAY:

As raparigas viviam em Sparkling River Estates. É um pequeno parque de rulotes, que não tem mais de dez caravanas, algumas em melhor estado do que outras. Pequenos objetos decorativos e canteiros adornam um relvado enquanto, logo ao lado, um sofá velho rodeado de lixo chama a atenção para outro. Não existe nenhum rio nas redondezas, mas, se uma pessoa sair da cidade pela estrada nacional, é capaz de encontrar algum.

Como já referi, o parque é gerido pela May Beth Foster, a avó substituta das raparigas. É ela quem me mostra a caravana dupla onde as raparigas moravam com a mãe, e que está exatamente como a Sadie a deixou. A May Beth encontra-se num estado suspenso de luto e não é capaz de esvaziar a caravana, embora arrendá-la seja para ela uma necessidade.

Não sei do que estou à espera quando entro, mas o espaço está arrumado e limpo. Nos últimos quatro anos das suas vidas, a Sadie criou a Mattie ali, sozinha, mas, ainda assim, estamos a falar de uma adolescente e, quando penso em adolescentes, penso numa espécie de desastre natural, num tornado que avança de divisão em divisão, deixando uma verdadeira carnificina à sua passagem.

Não foi nada disso que encontrei no lugar que elas habitavam. Vi canecas no lava-loiça e na mesinha de café, diante do televisor,

na sala de estar. O calendário colado no frigorífico não foi mudado desde junho, o mês em que a Sadie desapareceu.

As coisas tornam-se mais sinistras nos quartos. O quarto da Mattie parece esperar o seu regresso. Há roupas no chão, a cama está por fazer. Há um copo vazio na mesa de cabeceira, repleto de manchas de água.

MAY BETH FOSTER:

A Sadie não deixava ninguém tocar em nada.

WEST McCRAY:

O contraste com o quarto da Sadie é enorme. Parece saber que ela não vai voltar. A cama está feita, mas, além disso, todas as superfícies estão vazias. O quarto parece ter sido esvaziado.

WEST McCRAY [PARA A MAY BETH]:

Não tem nada.

MAY BETH FOSTER:

Encontrei as coisas dela no lixo, nas traseiras do terreno, no dia em que percebi que tinha desaparecido.

WEST McCRAY:

Que tipo de coisas?

MAY BETH FOSTER:

Deitou fora os livros, os filmes, as roupas... praticamente tudo.

Fico triste ao pensar nela a deitar assim a vida ao lixo, porque foi disso que se tratou. Tudo o que fazia parte dela, mesmo tudo, estava naquele caixote de lixo e, quando o vi, desatei a chorar porque... para ela, aquilo já não tinha significado.

WEST McCRAY:

Percebeu que isso podia acontecer? Ela deu-lhe algum tipo de pista que pudesse indicar que estava a planear ir-se embora?

MAY BETH FOSTER:

Naquela semana, antes de abalar, a Sadie andava muito calada, como se estivesse a pensar em fazer alguma asneira, e eu disse-lhe, «O que quer que estejas a pensar, tira já isso da cabeça». Mas, por essa altura, eu já não tinha grande influência sobre ela.

Ainda assim, nunca imaginei uma coisa destas...

Devo dizer-lhe que me custa imenso estar aqui. Preferia não ter sequer entrado.

WEST McCRAY:

Continuamos a conversar na caravana da May Beth, uma confortável caravana dupla na parte da frente do terreno. Sou convidado a sentar-me no sofá coberto de plástico que faz barulho sempre que me mexo. Quando lhe digo que não é o melhor lugar para uma entrevista, mudamos para a mesa da cozinha, ela serve-me um copo de chá gelado e mostra-me um álbum de fotografias das raparigas, feito por ela ao longo dos anos.

WEST McCRAY:

Foi a senhora que fez isto?

MAY BETH FOSTER:

Sim.

WEST McCRAY:

Parece o tipo de coisa que uma mãe faria.

MAY BETH FOSTER:

Pois é. Uma mãe deveria fazê-lo.

WEST McCRAY:

A Claire Southern, mãe da Mattie e da Sadie, é um tópico de conversa desagradável mas inevitável, pois sem ela as raparigas não existiriam.

MAY BETH FOSTER:

Quanto menos se disser sobre ela, melhor.

WEST McCRAY:

Ainda assim, eu gostaria de saber, May Beth. Pode ajudar. No mínimo, vai ajudar-me a compreender melhor a Sadie e a Mattie.

MAY BETH FOSTER:

Bem, a Claire era um problema e sem motivos para isso. Algumas crianças nascem assim... tortas. Começou a beber aos 12 anos. Aos 15, consumia erva, cocaína. Aos 18, heroína. Foi presa algumas vezes por pequenos roubos, pequenos delitos. Uma confusão. Eu era a melhor amiga da mãe dela, a Irene, que arrendou uma das minhas caravanas. Foi assim que entrei nas vidas daquelas raparigas. Nunca conheci uma alma tão gentil quanto a da Irene. Podia ter sido mais firme com a Claire, mas isso já são águas passadas.

WEST McCRAY:

A Irene faleceu de cancro da mama quando a Claire tinha apenas 19 anos.

MAY BETH FOSTER:

Antes de a Irene morrer, a Claire engravidou. A minha amiga estava a tentar agarrar-se à vida por causa do neto ou da neta, mas não tinha de ser. Três meses depois do enterro da Irene, nasceu a Sadie. Prometi à Irene, no seu leito de morte, que tomaria conta da bebé, e foi isso que fiz. Foi o que sempre fiz porque, bem... O senhor tem filhos?

WEST McCRAY:

Sim, tenho uma filha.

MAY BETH FOSTER:

Então sabe como é.

Sadie

Três dias mais tarde, pinto o cabelo.

Faço-o pelo caminho, numa casa de banho pública. A amónia mistura-se com o fedor dos cubículos sujos e dá-me vontade de vomitar. Nunca tinha pintado o cabelo, e o resultado é um loiro sujo. Na rapariga da embalagem ficou dourado, mas não importa porque o objetivo era só ficar diferente.

A Mattie teria detestado. E tê-lo-ia dito na minha cara. «Nunca me deixas pintar o cabelo», iria choramingar na sua voz fina. E quando digo fina, não me refiro a fraca ou frágil. A voz dela nunca se desenvolveu, nunca ganhou corpo. Quando se ria, ficava muito aguda e magoava-me os ouvidos. Mas não estou a queixar-me porque, quando a Mattie se ria, era como estar num avião à noite, a olhar para uma cidade que não conhecemos e que está toda iluminada. Ou, pelo menos, como eu imagino que seria. Nunca andei de avião.

E é verdade. Nunca a deixei pintar o cabelo. Quando andava a desobedecer a todas as minhas regras (liga se fores para a casa de uma amiga, não mandes mensagens a rapazes sem me dizer, guarda o telemóvel e faz a porcaria dos trabalhos de casa), essa foi a única que escolheu honrar: nada de pintar o cabelo antes dos 14 anos. Foi por pouco.

Acredito que o verdadeiro motivo que levou a Mattie a nunca tocar no cabelo foi ter herdado o loiro da nossa mãe e não conseguir sequer imaginar perder o pouco que tinha dela. Sempre me deixara louca a semelhança entre as duas, tinham a mesma cor de cabelo, os olhos azuis e o rosto em forma de coração. A Mattie e eu não tínhamos o mesmo pai e não parecíamos sequer irmãs, a não ser que alguém nos visse a fazer as mesmas expressões naqueles raros momentos em que tínhamos a mesma opinião sobre alguma coisa. Entre as três, eu é que era a estranha, com o cabelo castanho e desgrenhado e os olhos cinzentos num rosto que a May Beth sempre apelidou de «rosto de pardal». A Mattie era magricela de forma quase subdesenvolvida e maljeitosa, contudo, havia uma suavidade especial nela, qualquer coisa menos visualmente cínica e que a mim me faltava. Eu sou o resultado de biberões cheios com *Mountain Dew*. Possuo um organismo que não sabe muito bem processar as melhores coisas da vida. O meu corpo é anguloso o suficiente para cortar vidro e precisa desesperadamente de arredondar, mas há dias em que não me importo com isso. Um corpo pode nem sempre ser belo, mas um corpo pode ser um belo engano. Sou mais forte do que aparento.

Já escureceu quando avisto o sinal que indica a Whittler, uma área de descanso para camionistas.

Uma zona de descanso. É a coisa mais próxima de um botão de pausa para pessoas que vivem aceleradas. Só que elas nunca param realmente, abrandam apenas até atingir uma velocidade que, ainda assim, é o dobro daquela a que a maioria das pessoas opera. Eu costumava trabalhar numa bomba de gasolina mesmo à saída de Cold Creek e o meu patrão, o Marty, nunca me deixava fazer o turno da noite sozinha porque não confiava nos camionistas que passavam. Não sei se isso era muito justo da parte dele, mas era o que ele achava. A Whittler é maior do que a cidade de onde venho, mas não parece tão limpa. Ou talvez nos habituemos à confusão da nossa casa e, com o passar do tempo, nos convençamos de que está tudo onde deve estar. Nada aqui se

esforça para ser bom. As luzes de néon do letreiro da bomba de gasolina parecem ter menos brilho do que deviam, como se estivessem a planear apagar-se lentamente ao invés de terminarem com um súbito estalido.

Dirijo-me para o *diner*, que exhibe «Ray's» escrito em letra cursiva num letreiro que é demasiado pequeno para o edifício no qual está colocado, fazendo com que tudo pareça vertiginosamente torto. A MELHOR TARTE DE MAÇÃ DE TODO O CONDADO DE GARNET!, anunciava um cartaz colado na janela. PROVE UMA FATIA!

Empurro a pesada porta de vidro e entro nos anos 1950. O Ray's é tal e qual como me foi descrito: vinil vermelho e turquesa, as empregadas com vestidos e aventais a combinar com o estilo da casa. Bobby Vinton toca numa *jukebox* de verdade encostada a um canto, e eu fico ali a absorver a nostalgia do lugar e o odor a batatas com molho, antes de avançar até ao balcão. O balcão de serviço e a cozinha ficam logo atrás.

Sento-me num dos bancos altos e apoio as mãos na fria bancada de fórmica. À minha direita está uma rapariga. Rapariga. Mulher. Encontra-se arqueada sobre um prato de comida parcialmente consumida, os polegares movendo-se rapidamente sobre o ecrã do telemóvel. Tem o cabelo castanho e encaracolado e tanta pele pálida exposta que até tremo só de olhar. Calça sapatos pretos de salto alto e veste uns calções muito curtos e um top justo e fino. Diria que trabalha no parque de estacionamento. «Lagartas do estacionamento.» É o nome que dão a raparigas como ela. Os meus olhos procuram vê-la melhor e percebo que é mais jovem do que aparenta, com a pele maltratada pelas circunstâncias e não pela passagem do tempo. As rugas nos cantos dos olhos e nas extremidades dos lábios lembram fendas numa armadura.

Pouso os cotovelos sobre o balcão e baixo a cabeça. Agora que parei, começo a sentir o efeito da viagem no corpo. Não estou habituada a conduzir tanto tempo e sinto-me exausta. Os músculos das minhas costas parecem ter dado pequenos nós.

Tento concentrar todas as dores individuais numa única que possa ignorar.

Um minuto depois, um homem sai da cozinha. Tem a pele morena, a cabeça rapada e tatuagens coloridas de caveiras e flores em ambos os braços. Veste uma t-shirt preta que diz «Ray's» bem esticada na zona do peito, apertada o suficiente para mostrar as partes do corpo que se deve ter esforçado por desenvolver. Limpa as mãos à toalha gordurosa que tem presa ao cinto e fita-me.

— O que vai ser?

A voz dele mais parece uma faca que se afia nas outras pessoas, é tão intimidante que não consigo imaginar como seria se ele gritasse. Antes mesmo de conseguir perguntar se ele é o Ray, reparo que a etiqueta na camisola diz SAUL. Vira o ouvido na minha direção e pede-me que repita, como se eu tivesse dito alguma coisa e ele só não tivesse percebido.

A minha gaguez é mais ou menos constante. Conheço-a melhor do que qualquer outra parte do meu corpo. Porém, quando estou cansada, pode ser extraordinariamente imprevisível, tal como a Mattie quando tinha 4 anos e começou a jogar às escondidas por toda a vizinhança sem nunca dizer a ninguém que estava a jogar. Sei que vou ter de falar, mas não quero desperdiçar um possível espetáculo com alguém que não me vai dar aquilo de que preciso, por isso, pigarreio e pego na ementa plastificada ao lado de uma cesta com guardanapos e procuro qualquer coisa barata. Olho para o Saul, aponto para a garganta e digo, «Desculpe», com os lábios como se tivesse a merda de uma laringite. Bato com a ponta do dedo na ementa para que ele entenda que aquilo sou eu a comunicar. Os olhos dele seguem o meu dedo até tocar várias vezes no item que diz «CAFÉ... dois dólares».

Pouco depois, ele coloca uma caneca à minha frente e diz:

— Para que fique claro, não podes passar a noite só com isso. Bebe enquanto está quente ou acrescenta uma refeição.

Deixo o vapor envolver o meu rosto antes de dar o primeiro gole. O café queima-me a língua e a garganta, o que me acorda

mais depressa do que a cafeína alguma vez conseguiria fazer, mas o gosto é tão forte que fico com a certeza de que também poderei contar com isso. Pouso a caneca e reparo numa mulher na janela de serviço. Veste uma camisa preta do Ray's, tal como o Saul, e lembra-me uma May Beth mais jovem, embora o cabelo daquela mulher esteja pintado de preto. O da May Beth já está quase todo branco. Possuem ambas rostos carnudos e feições acentuadas, mas tudo abaixo do pescoço é mais arredondado e menos definido. Macio. A May Beth costumava cingir-me nos seus braços e abraçar-me quando não havia mais ninguém que o fizesse — até eu já não ter idade para essas coisas —, e eu adorava essa suavidade. Deixo a lembrança inspirar em mim um sorriso e ofereço-o à mulher. Ela devolve-me um sorriso dos seus.

— Estás a olhar para mim como se me conhecesses — diz ela.

Além do cabelo, a voz é outro dos pormenores que a distinguem da May Beth. A voz da May Beth é como cubos de açúcar a desfazer-se e a desta mulher é tarte de maçã. Ou talvez não seja ao que a voz dela soa, mas aquilo a que me cheira. A poucos metros de mim, sobre o balcão, encontra-se uma armação com tartes, a famosa tarte de maçã do restaurante com os seus pedaços macios e açucarados de fruta sobre uma bela massa crocante. Fico com água na boca e sei que já tive mais fome do que aquela que sinto naquele momento, mas o odor a caramelo e a canela faz com que me seja difícil precisar quando foi isso. O meu estômago ronca. A mulher arqueia as sobrancelhas e é nessa altura que reparo na etiqueta por cima do seio direito que diz RUBY. Vai ser uma merda obrigar esse nome a atravessar os meus lábios.

— Esquece, Roo — diz o Saul atrás da zona de serviço. — Ela não fala.

A Ruby vira-se para mim.

— É verdade?

— ...

Fecho os olhos. Um bloqueio: um momento que parece eterno no qual a minha boca se abre e nada acontece — pelo menos do lado de fora. No interior, a palavra está presente e a luta para lhe dar forma deixa-me paralisada, faz-me sentir como se estivesse desligada de tudo.

— Le-le... — Luto com o ele, luto para voltar a mim. Abro os olhos. Sinto que a mulher ao meu lado me olha fixamente. A Ruby nem sequer pestaneja e fico grata por isso, embora também o odeie, porque esse tipo de decência que toda a gente devia exhibir não é uma coisa que mereça a minha gratidão. — Le-lembras-me uma p-pessoa q-que c-conheço.

— E isso é bom?

— Sim. — Faça que sim com a cabeça, ligeiramente satisfeita com o resultado. *Sim.*

— Pensei que não falasses — comenta o Saul, nada impressionado.

— Queres alguma coisa para acompanhar esse café? — pergunta a Ruby.

— Es-t-tou b-bem.

Ela enrugou os lábios.

— Sabes que não podes ficar a olhar para essa caneca a noite toda.

Céus. Tossico.

— Q-q-queria sa-saber s-se podia c-colocar uma... — *Pergunta.*
— *Questão.*

É uma coisa que faço às vezes: enganar a minha gaguez. Finjo que vou dizer uma palavra e, à última hora, escolho outra. Dessa forma, a gaguez não tem tempo de me apanhar. A primeira vez que descobri esta capacidade, pensei que estava finalmente livre, mas não; continuava refém, mas de maneira diferente. É cansativo, precisar de tanto tempo para uma conversa básica. E não é justo, mas existem muitas coisas na vida que o não são.

— Claro — responde ela.

— O R... — Fecho os olhos por momentos. — O Ray está?

**Uma rapariga desaparecida
em busca de vingança.
Uma investigação alucinante
transmitida em podcast.
Um final de cortar a respiração!**

O radialista West McCray é contactado por uma desconhecida que lhe lança um apelo: localizar uma rapariga de 19 anos chamada Sadie Hunter. Uma história a que ele dá pouca importância, afinal, o desaparecimento de uma rapariga nada tem de insólito.

Só que Sadie não é uma fugitiva qualquer. Sofrendo de gaguez, abandonada pela mãe, vê o seu mundo desmoronar quando a irmã mais nova é brutalmente assassinada e a polícia mostra-se incapaz de encontrar o culpado. Querá Sadie fazer justiça com as próprias mãos?

Perante o turbilhão de perguntas sem resposta, West fica obcecado com o caso e inicia um podcast inteiramente dedicado à investigação. O jornalista ruma à cidade natal de Sadie, para seguir de perto o rasto da jovem e desvendar este mistério antes que seja tarde demais. Cada pista revela uma verdade absolutamente chocante...



«Um livro de suspense sobre abuso e violência
que abala o leitor.»

Publishers Weekly

«Um thriller inovador para o público jovem adulto,
escrito com mestria. Um triunfo!»

Washington Independent Review of Books

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-668-547-8  9 789896 685478 Thriller
--	--